



O Ponto entrevista **Gisele Sulsbach**, aprovada no AFRFB/2010, depois de obter a 2ª maior nota nas provas discursivas (193,75 de um total de 200 pontos!), que lhe proporcionou um salto de 669 posições na sua classificação no concurso.

Gisele Sulsbach é de Chapecó (SC), mas mora em Curitiba (PR) há 11 anos. Formou-se em Publicidade, fez especialização em Planejamento e Gestão de Negócios e em Sociologia Política. Há algum tempo havia decidido ingressar no serviço público, no cargo de Auditor-Fiscal da Receita Federal do Brasil (AFRFB). Decidida, resolveu abandonar a iniciativa privada, em que trabalhava, para dedicar-se exclusivamente aos estudos.

Com todo o seu tempo destinado aos estudos, passou a estudar firme, a maior parte do tempo em casa, sozinha, embora tenha feito alguns cursos preparatórios. “Eu passei a estudar muito, Vicente, pois só queria o cargo de AFRFB e sabia que não seria fácil”, disse-me.

No segundo semestre de 2009, tivemos a publicação do edital, com muitas novidades: saída de algumas disciplinas, ingresso de outras e o surgimento das provas discursivas.

Assim como milhares de candidatos, ficou preocupada e ansiosa com tais novidades, que não estavam nos seus planos de estudos, mas decidiu seguir em frente.

Entretanto, ao contrário da maioria dos candidatos, a sua maior apreensão foi com a cobrança de novas disciplinas, e não com as provas discursivas, pois sempre teve facilidade para escrever.

Pois bem, a Gisele estava certíssima: as provas discursivas, calvário para muitos candidatos, foram a sua salvação no concurso, pois, ao fazer 193,75 pontos num total de 200, pulou da posição 985 (obtida nas provas objetivas) para 316 (depois do resultado final discursivas)!

Com esse desempenho extraordinário nas provas discursivas, ficou logo conhecida, merecidamente, como “a campeã das discursivas do AFRFB/2010”!

Quando eu, Vicente Paulo, fiquei sabendo dessa linda história, procurei a Gisele para que ela nos concedesse esta pequena entrevista, pois eu não tenho dúvida de que as suas palavras serão um grande estímulo – e

aprendizado – para milhares de candidatos de todo o Brasil, que enfrentarão, daqui por diante, novas provas discursivas, nos mais variados concursos – inclusive no de Auditor-Fiscal do Trabalho (AFT), cujas provas se aproximam, e serão aplicadas pela mesma Esaf.

Com imensurável atenção e desprendimento, a Gisele concordou em responder às minhas perguntas, formuladas a seguir.

Vicente Paulo: Parabéns, Gisele! Que virada! É motivo de muito orgulho, para mim, saber que uma pessoa tão capacitada tenha estudado por algum texto escrito por mim. Quando você teve a primeira noção de que possui facilidade para escrever, coerentemente?

Gisele Sulsbach: Vicente, muito obrigada. É uma honra conceder uma entrevista para o Ponto. Agradeço também a professores como você que inovaram na forma de ensinar algumas disciplinas, facilitando muito a vida de quem estuda para concurso.

Eu sempre gostei muito de escrever, mas acho que tomei consciência desta habilidade quando eu era adolescente. Adorava escrever textos, contos, histórias românticas, que na adolescência estão mais para melodrama do que qualquer outra coisa (risos)... Enfim, eu era reconhecida na família por ser a pessoa que escreve bem. Quando era preciso escrever algum “discurso”, o pessoal me convocava para a missão.

Todo mundo tem algumas habilidades, algumas coisas que gosta mais de fazer e que, talvez por isto mesmo, faz bem. Meu namorado, por exemplo, é um excelente músico. Às vezes estou cantando alguma música e ele fala: “Sobe mais uma oitava que aí você chega ao tom”. Eu olho para ele e respondo: o quê? Não sei o que é uma oitava, não adianta você me dizer isso. Você tem que falar algo como canta mais grave, mais agudo, mais alto, enfim, em uma linguagem que eu possa entender. Oitava para mim, só se for a oitava série... Então, quando se fala em habilidades pessoais, o importante é cada um saber reconhecer as suas e usá-las a seu favor.

Vicente Paulo: Você acha que essa facilidade veio, principalmente, de onde? Da qualidade do seu aprendizado no ensino fundamental e médio, da leitura ou da prática, na sua atividade profissional?

Gisele Sulsbach: Foi um conjunto de fatores. Eu sempre li muito e acredito que toda pessoa que lê bastante tende a melhorar a qualidade de seu texto. Outro ponto importante, no meu caso, foi a educação que recebi em casa. Minha mãe é professora de História, ela vivia em meio a livros e cadernos. Foi neste ambiente que eu cresci. Às vezes eu lia algumas provas que ela estava corrigindo e falava: mãe, este aqui merece um zero, não estudou nada e ficou tentando enrolar! Minha mãe falava que eu não podia ser assim, que tinha que aprender a reconhecer algumas coisas que o aluno respondeu que atendiam a pergunta, por mais que fossem poucas. Ah, se o examinador da ESAF fosse assim! Durante meu segundo grau também estudei num colégio onde havia provas todas as quartas-feiras. E todas discursivas. Foi um bom treino.

Mas, ainda assim, acho que há um pouco de dom, algo natural, inerente a cada um. Quando vou escrever, as palavras fluem com facilidade. Não tenho que ficar sofrendo para pensar como vou transmitir uma idéia. Ela simplesmente vem à mente e eu escrevo. Eu acho que isso tem muito a ver com as características pessoais e história de vida de cada um.

Vicente Paulo: Na minha vida profissional, mesmo na RFB, eu tive a oportunidade de conhecer algumas pessoas inteligentíssimas, de grande conhecimento técnico, mas com uma imensa dificuldade para levar suas ideias para o papel. Certamente muitos candidatos têm essa mesma dificuldade, de transportar com coerência e clareza, suas ideias para uma questão discursiva. O que você recomendaria a esses candidatos?

Gisele Sulsbach: Eu acho que a dificuldade de passar uma idéia para o papel existe justamente porque você muda de "mídia", muda o instrumento de comunicação. Tem gente que se expressa muito bem oralmente, mas quando escreve não tem a mesma facilidade. Não consegue escolher os termos e encadear as idéias de forma que outra pessoa entenda facilmente.

Eu acho que uma forma de desenvolver sua habilidade de comunicação escrita é ler bastante, é abastecer sua "caixola" com experiências e informações novas. Mas, é claro, o melhor mesmo é escrever. Anote sonhos, pegue um dia que você está com muita raiva ou muito feliz e comece a escrever tudo o que der vontade, sem pensar. Depois, leia tudo aquilo e tente organizar de forma coerente. Além de melhorar a escrita, você vai praticamente fazer terapia! Escreva sobre o seu dia. Você vai ver como é difícil escrever, pois a gente se julga muito, tem medo de se expressar. Mas uma vez que você perde aquela autocrítica feroz, você produz mais.

Enfim, acho que você aprende mais escrevendo sobre experiências que têm algum sentido emocional para você do que sobre um texto técnico qualquer. Emoção é memória viva, tá lá, cravada. Você vai conseguir avaliar se o que você escreveu está coerente com o que viveu e sentiu. Depois disso, texto técnico fica fácil. Sabendo um pouquinho do conteúdo, claro... Você também precisa saber aonde quer chegar. Precisa ter foco. Tem que se perguntar: o que exatamente eu quero dizer com esta frase? Qual o objetivo de eu utilizar estas palavras aqui?

Tem outra coisa que é importante quando se fala em habilidade de escrever. Escrever é comunicar-se com alguém. Acho que um dos maiores dilemas do ser humano é conseguir se comunicar. O outro nunca estará dentro da nossa cabeça. Nunca conseguiremos transmitir exatamente o que pensamos e sentimos. Então, quando você vai se comunicar com alguém, você tem que sair do seu "universo", daquelas quatro paredes onde você se sente muito confortável, e tentar entrar em sintonia com a pessoa com quem está falando. Você tem que tentar entender a cabeça do outro também. Tem que saber ouvir, para responder o que lhe perguntaram. Sabe aquelas pessoas que quando você faz uma pergunta, elas parecem não ouvir e respondem algo nada a ver? Então, tem gente que faz isso quando vai escrever. Não houve a pergunta, não consegue sair

da sua forma de pensar. Sei, vocês vão dizer: como vou entrar em sintonia com um examinador que nunca vi na vida? Aí você apela para a simplicidade. A linguagem simples (e não pobre), coerente, encadeada, é facilmente entendida.

Vicente Paulo: Como foi a sua preparação para as provas discursivas do AFRFB? Você treinou muito, redigindo respostas a questões discursivas? Quantas questões você elaborou durante a preparação?

Gisele Sulsbach: Aqui vou me permitir estender um pouco a abrangência da pergunta, pois acho importante contar um pouco do contexto da passagem das objetivas para as discursivas. Começarei pelo dia em que saiu o resultado da prova objetiva.

Pois bem, neste dia, quando vi que tinha feito 250 pontos, apenas um a mais do que a nota de corte, eu chorei. Na hora em que consegui saber minha colocação, 985, pensei que seria impossível eu passar entre os 427. Meu namorado dizia que eu deveria estar comemorando esta grande vitória, mas eu não conseguia me sentir feliz; somente via o fim do meu sonho se aproximando. Eu tenho certo problema de ser muito exigente comigo; então, estar nas últimas colocações, para mim, não soava como uma grande vitória.

Entrei no Fórum Concurseiros. Precisava falar com alguém que realmente entendesse o porquê da minha decepção. E nada como um concurseiro para compreender o outro. Ao mesmo tempo, precisava ouvir alguém que acreditasse que era possível uma pessoa com 250 pontos, na posição 985, chegar ao final entre as 427 vagas. Havia um tópico que era para o pessoal dos 249. Fui lendo os posts e tentando me convencer racionalmente de que era possível. Mas, ao contrário do que eu imaginava, não foi a razão que me convenceu. Foi a emoção. Houve um post que particularmente mexeu comigo. Não lembro bem quem escreveu, mas creio que foi uma mulher. Ela dizia mais ou menos o seguinte: não entendo este pessoal; passam anos da vida estudando para este momento e na hora em que conseguem, começam a reclamar???!!!!! Vão estudar! Então eu pensei: nossa! E não é que ela tem razão? Por que já estou me considerando derrotada? E por fim, o que corou e reativou meu ânimo foi a frase de um artigo do prof. Hugo Góes. A história mais bonita deste concurso, dizia ele, não será a do primeiro lugar, mas daquele que estava lá em último, com 249 pontos, e no final passou em 427. Esta frase foi muito marcante para mim. Eu decidi que eu seria aquela pessoa.

Entrando no assunto específico da minha preparação para as discursivas, uma coisa que considero interessante foi o fato de eu não ter interrompido meus estudos desde o final da objetiva. Continuei estudando como se já estivesse dentro dos convocados para as discursivas. Já estava fazendo o curso de discursivas do Ponto, um outro curso da Prof. Renata Ventura, só de Finanças Públicas.

É claro que eu contava com a minha facilidade em escrever. Este era um ponto a meu favor. Meu medo era o conteúdo, era escrever sobre matérias

que eu considerava ainda não dominar muito bem, ou não o suficiente para dissertar 60 linhas sobre elas.

Escrevi algumas dissertações, umas 15, talvez. Entretanto, depois de algum tempo percebi que eu precisava focar no conteúdo, porque aquilo me deixaria mais segura. E para uma prova, principalmente uma discursiva, você tem que ir confiante. Se eu estivesse me sentindo segura no dia da prova, tinha certeza que conseguiria me sair bem nas discursivas. No idioma eu me garanto, pensava. Então, passei a estudar mais conteúdo. Tentava fazer uma discursiva sobre o conteúdo que havia acabado de estudar. Depois, quando vi que o tempo estava terminando, praticamente parei de treinar discursiva, e fiquei só revisando conteúdo.

Vicente Paulo: Durante a preparação, alguém corrigia as suas respostas às questões discursivas? Se afirmativo, você considerou as correções por um terceiro importantes?

Gisele Sulsbach: Tive 5 textos corrigidos. Um foi o do curso do Ponto. Os outros 4 foram de Finanças Públicas, com a correção focada somente no conteúdo. A Prof. Renata Ventura anunciou no Fórum que ia montar um cursinho para 20 alunos. Eu vi, achei interessante, e me inscrevi.

Achei muito importante a correção das minhas discursivas. Lembro da primeira discursiva que mandei para a Prof.^a Renata corrigir. Ela escreveu para mim: "Gisele, omissão de tópico é uma falta grave...". Aquilo foi uma verdadeira porrada. Um erro a gente nunca esquece, ainda mais um que começa com o seu nome! Dalí em diante eu sempre prestava atenção nisso. Então, em minha opinião, discursiva é preciso treinar. E você deve procurar ter alguém que corrija a sua prova, seja quanto ao uso do idioma ou quanto ao conteúdo; foque naquilo que você tem mais dificuldade.

Vicente Paulo: Em geral, as provas discursivas pontuam o desempenho do candidato, especialmente, no tocante aos quesitos emprego da língua portuguesa, estrutura textual e conhecimento técnico da disciplina. Em sua opinião, nas provas do AFRFB, qual desses quesitos foi mais avaliado pela Esaf?

Gisele Sulsbach: Neste último certame de AFRFB, pelo que vi, de forma geral, não foi o uso do idioma que tirou mais pontos dos candidatos, mas sim o conteúdo. Eu tive, inicialmente, 1,5 pontos descontados em uso de idioma e 5 pontos de conteúdo. Com os recursos ganhei 0,25 em uso do idioma.

Acho que a banca não realizou uma correção muito "pesada" no item uso do idioma. Aliás, a impressão é que o "peso" da mão do examinador foi diferente em cada matéria, sendo mais forte em Comércio Internacional e Administração Pública.

Vicente Paulo: Neste momento, de véspera das provas discursivas do concurso de Auditor-Fiscal do Trabalho (que também serão aplicadas pela Esaf), que orientação você daria a um candidato que acredita já tenha sido

aprovado na primeira fase e, por isso, tem sonhado com as tais discursivas (nas poucas noites que consegue dormir direito!)? O que fazer nesse período, até o dia das provas?

Gisele Sulsbach: Em primeiro lugar, eu acho que todo mundo com uma pontuação próxima daquilo que se imagina que será a nota de corte deve continuar estudando para a discursiva. Porque aí, se acontecer como no AFRFB, de ter uma semana entre o resultado e a data da prova, você já está mais seguro. Além do mais, no atual cenário dos concursos, estudar para discursiva não será desperdício. Em algum momento você usará o conhecimento adquirido.

Em segundo, foque o estudo naquilo que lhe deixará mais seguro para escrever.

Em terceiro, pense que em discursiva quem manda é você. Isso é o que eu acho mais interessante em uma prova discursiva: a possibilidade de estar no controle. Quem está no comando somos nós, os candidatos. Já pensaram nisso? Nas objetivas ficamos tentando entender o que o examinador escreveu, escolher a “menos pior” dentre as alternativas, entender um texto que não saiu da nossa cabeça. Na discursiva, não. Você manda. Você escolhe a palavra que quer usar. Você dirige o texto. Você escolhe como vai conduzir o examinador ao longo do seu texto. Claro, ele quer encontrar algumas coisas específicas lá, mas não é tão rígido como na objetiva, na qual ou você marcou A ou A, caso contrário, está errado. Então, em vez de reclamar que a correção da discursiva é muito subjetiva, tente aprender a usar a subjetividade característica deste tipo de prova a seu favor. Até porque estas provas, ao que parece, vieram para ficar.

Vicente Paulo: E para aqueles candidatos que se saíram bem nas provas objetivas do AFRFB, mas, ao contrário de você, tiveram um mau desempenho nas provas discursivas, qual a sua orientação? Como esses candidatos devem buscar o aperfeiçoamento, no médio prazo, para os próximos concursos?

Gisele Sulsbach: Acredito que sempre que não atingimos um objetivo, devemos fazer uma profunda análise de quais foram nossos erros, para refazer a estratégia dali para frente. Devemos ter clareza dos motivos que foram determinantes naquele “insucesso”. Assim, creio que é possível recobrar o fôlego e seguir adiante, sabendo o que precisa ser feito.

Agora, para AFRFB, existe uma etapa discursiva. O jeito de estudar terá que ser diferente. Não é mais só marcar x. Antes de saber da existência das discursivas, eu costumava estudar fazendo resumos. Lia um capítulo do livro e tentava resumir, com as minhas palavras, o que havia acabado de ler. Fazia isso em tópicos. Depois revisava para ver se estava certo e acrescentava o que tinha esquecido ou errado. Talvez, daqui para frente, seja útil esta técnica do resumo, adaptada. Ao ler o capítulo, você pode fazer um resumo dele em forma de redação. Assim, além de treinar para a discursiva, você fixará muito melhor a matéria. Claro, dará bem mais trabalho e levará mais tempo. Para quem é muito visual, talvez ainda tenha

o trabalho de destacar os pontos importantes. Mas faz parte das novas regras do jogo.

Vicente Paulo: Bem, deixando o assunto “provas discursivas” de lado, e falando da sua preparação como um todo. Em média, quantas horas você estudava por dia, antes da publicação do edital?

Gisele Sulsbach: Meu tempo de estudo total foi de 1 ano e meio. Fiz um cursinho de 5 meses, presencial, de agosto a dezembro de 2008. Nesta época eu trabalhava. No início de 2009 eu já havia saído do emprego, mas meu ritmo era de umas 5 ou 6 horas por dia, dado que ainda não tínhamos nem a autorização para o concurso, que só viria a sair em Abril.

Depois que saiu a autorização, passei a estudar mais. Tentava chegar a 8 horas por dia. Neste meio tempo, enquanto não saía o edital, fiz o concurso do ICMS-SP. Passei um mês e pouco me dedicando às matérias específicas deste certame.

Fazer o ICMS-SP foi um grande aprendizado para mim. Eu nunca havia feito um concurso fiscal concorrido, com um dia e meio de provas. Como é cansativo! Mas a grande lição foi aprender a conhecer meus limites. Eu estudei tanto naquele 1 mês que antecedia a prova, umas 12 horas por dia, que quando chegou o dia da prova tive um “piripaque”. Comecei a ter umas crises de ansiedade, uma tremedeira. Isso foi durante a prova de sábado, que era a que tinha menos tempo por questão. Em resumo: não consegui fazer umas 30 questões, pois levei uns 40 minutos para me acalmar, parar de tremer (risos) e conseguir começar a fazer a prova.

Fui obrigada a procurar ajuda médica para resolver este problema, que no fundo decorria da ansiedade e do nível de estresse a que eu havia me submetido. Então, isso foi decisivo para chegar na hora do AFRFB e eu estar bem, conhecendo meus limites, sabendo que eu não deveria me acabar de estudar 1 mês antes da prova.

Vicente Paulo: E depois da publicação do edital, você passou a estudar mais?

Gisele Sulsbach: Depois do edital fiquei apavorada com as várias matérias novas que entraram. Fiquei feliz por já ter estudado algumas destas novas matérias para o ICMS-SP, mas, ao mesmo tempo, era muita coisa. Fora revisar todas as matérias antigas.

Nunca tinha vivido o momento da saída de um edital. Que coisa mais estressante! É uma pressão gigante você encontrar a melhor bibliografia para as novas matérias, decidir qual será sua estratégia de estudo neste curto período de tempo, etc.

Eu havia me inscrito num cursinho presencial só sobre as matérias novas. Fui a 3 aulas. Quando percebi que não tava valendo a pena, cancelei o curso e fiquei estudando em casa. Comprei os cursos do Ponto das matérias que julguei mais importantes e estudei a partir destas aulas.

Vicente Paulo: Durante a sua preparação, você resolveu muitos exercícios de provas anteriores? Se afirmativo, isso foi importante para você?

Gisele Sulzbach: Eu resolvi muitos exercícios dos livros que comprei e algumas provas anteriores. Gostaria de ter resolvido mais. Minha idéia era ter tido tempo para chegar naquela fase em que você só estuda por exercícios e resolução de provas. Mas o volume de matéria era tão grande que não deu para fazer isso em 1 ano e meio. Ainda bem que não vou mais precisar fazer isso tão cedo...risos...

Vicente Paulo: Você teve a coragem de parar de trabalhar na iniciativa privada para se dedicar somente aos estudos para o AFRFB. Como você conviveu com isso? Para que tipo de candidato você indica essa atitude?

Gisele Sulzbach: Olha, tipo de candidato é uma coisa complicada de eu lhe responder. Se você analisar, por um lado, eu era a última das pessoas que poderia largar o emprego só para estudar. Eu morava sozinha, pagava aluguel e minha família não podia arcar com as minhas despesas para que eu pudesse só estudar.

Por outro lado, tudo depende de como você olha a situação. O fato de morar sozinha era uma grande oportunidade de poder estudar mais, sem interferências e sem a responsabilidade de sustentar outras pessoas. Eu estava com a faca e o queijo na mão, mas, se não tivesse cuidado, poderia errar a facada.

Houve outros aspectos que me permitiram parar de trabalhar. Eu havia, nos últimos anos, aprendido a me organizar financeiramente. Isto com uma boa ajuda do meu namorado, que trabalha com consultoria em Finanças Pessoais, e da minha terapeuta, que me ajudou a trabalhar a minha relação com o dinheiro, o que não é algo fácil, pois alterar a forma como uma pessoa lida com o dinheiro implica mexer em boa parte de sua estrutura emocional. Então, eu havia conseguido chegar num certo nível de organização financeira, sabia quanto eu gastava por mês e havia aprendido a viver dentro daquilo que eu ganhava. Também não tinha dívidas e nem carro (que é uma fonte inesgotável de despesas). Estimei que teria uma quantia suficiente para eu sobreviver, com muita modéstia, durante 1 ano. Passado este tempo, o dinheiro literalmente acabaria.

Conviver com esta decisão foi, ao mesmo tempo, angustiante e gratificante. Ficar na insegurança de saber se o concurso aconteceria antes do dinheiro acabar e, o pior, se eu iria passar, foi uma fonte de estresse. Por outro lado, aumentei minha auto-estima percebendo que sou capaz de fazer as coisas acontecerem. Com todo este tempo sem comprar uma meia sequer, também aprendi a me desligar dos bens materiais; já posso virar budista (risos). Hoje faço compras muito mais racionais e melhores negociações graças a este período em que arrisquei ficar sem trabalhar só para estudar. Aposto que este aprendizado será de grande valia na hora de gastar meu novo salário... Então, não existe um tipo de pessoa mais indicada. Cada um tem que analisar os prós e contras e avaliar o quanto esta decisão influenciará na sua qualidade de estudo.

Vicente Paulo: Se você tivesse de apontar, em poucas linhas, numa questão discursiva (risos), qual o seu maior acerto na preparação para o AFRFB, qual seria ele?

Gisele Sulsbach: Ter feito um processo de evolução consistente e abrangente. Esta daria uma longa discursiva, mas vou tentar explicar resumidamente. Imagine uma roda de pessoas, todas de mãos dadas. Uma delas cai. O que acontece com as demais, principalmente com as que estão ao lado dela? Terão que pelos menos se abaixar para não caírem também. É uma metáfora simples que ilustra o que acontece quando você, por exemplo, só estuda, mas esquece de todos os demais aspectos da sua vida. Eu acredito que a coisa mais importante e definitiva na minha aprovação foi ter tratado todo este período de preparação como um grande processo de crescimento pessoal. Quando se fala em processo, se fala em algo consistente. Não adianta você se matar de estudar e esquecer de evoluir nas outras áreas da sua vida. As coisas não deixam de acontecer só porque você decidiu estudar. Você continua tendo que resolver problemas de relacionamento, continua tendo que pagar contas, continua não tendo tempo para fazer tudo o que gostaria. Enfim, não dá para segmentar a vida e escolher só uma parte para viver. Tudo caminha junto. Acho que o melhor destes grandes projetos de vida, como é este de passar em um concurso super concorrido, é que eles são um desafio a nós, um convite, uma provocação para que crescamos, para que nos tornemos pessoas melhores em todos os sentidos.

Vicente Paulo: E o que você não faria novamente?

Gisele Sulsbach: Ultrapassar meus limites.

Vicente Paulo: Que mensagem você deixaria para os candidatos do AFRFB/2010 que não conseguiram ser aprovados agora, mas que querem continuar se preparando para esse mesmo cargo?

Gisele Sulsbach: Faça sua parte bem feita, com competência e planejamento. Faça do seu projeto de passar num concurso um processo consistente. E acredite. Parece meio auto-ajuda dizer "acredite", mas não tenho a menor dúvida de que a gente precisa crer que vamos alcançar aquilo que queremos.

Teve um texto seu, Vicente, em que você falava sobre ser ou não ser "o seu concurso", a sua vez. É mais ou menos isso. Existem alguns fatores que podemos controlar. Porém, há vários outros que independem da nossa vontade. A gente sempre precisa focar naquilo que está ao nosso alcance, nas coisas sobre as quais temos poder de ação. Entretanto, penso que existe alguma coisa que rege o Universo, com a qual devemos estar em sintonia para que as coisas que desejamos aconteçam. Não é auto-ajuda. É real. Para ilustrar um pouco do que estou falando, contarei uma história.

Em fevereiro de 2009, fiz um concurso para nível médio do MDA (Ministério do Desenvolvimento Agrário), onde trabalho hoje. Era para Curitiba e o salário dava para pagar as contas; enfim, um plano B caso nada desse

certo. Havia uma vaga. Eu DECIDI que passaria em segundo lugar, de modo que o primeiro seria chamado, não assumiria, e a próxima seria eu. Precisava de tempo e torci para que eu somente fosse convocada após a prova de AFRFB (que naquela altura não tinha nem autorização ainda), no exato momento em que meu dinheiro estivesse terminando. No final das contas, tudo aconteceu exatamente como imaginei. Fiz o concurso em fevereiro de 2009, fiquei em 2º lugar, chamaram o primeiro em novembro, que não assumiu. Convocaram-me no final de dezembro de 2009. A discursiva do auditor foi no dia 24 de janeiro de 2010. Usando os 30 dias para posse e mais os 15 para entrar em exercício, ainda consegui tirar uma semaninha de férias depois da discursiva, antes de entrar no MDA, no dia 01 de fevereiro. Foi absolutamente perfeito. Parecia que eu havia escrito o roteiro. Ah, detalhe: meu dinheiro acabava exatamente no mês de fevereiro. Incrível, não?!

Desta pequena história é possível extrair diversas coisas necessárias para que um desejo se concretize. Eu acredito que existe uma convergência de circunstâncias e fatores que determinam quando será “o seu concurso”, a sua vez. Mas, paradoxalmente, aposto que temos um certo poder sobre a parte que foge ao nosso controle. Quando a gente sabe o que quer e coloca-se em movimento, as coisas acontecem. Depois deste concurso e desta virada sensacional, minha fé se tornou muito maior. Sempre que me encontro diante de uma situação difícil, penso: faça a sua parte (bem feita) e acredite que o melhor virá. Se algo deu certo, comemore. E prepare-se, porque significa que coisas ainda melhores estão por vir. Basta que você olhe para o lado certo, para o lado dos aprendizados e não para o lado do sofrimento e dos problemas.

Vicente Paulo: Para encerrarmos, duas perguntinhas rápidas, sérias, mas de respostas “simples”! Promete que irá examinar com carinho o meu convite para que você venha integrar a equipe do Ponto, a fim de repassar o seu conhecimento e orientações a milhares de candidatos de todo o país? Ou já podemos contar com isso?

Gisele Sulsbach: Já podemos contar.

Vicente Paulo: E a minha proposta para a publicação de um livro sobre questões discursivas, já posso levar adiante, informando à gráfica que já está no prelo?

Gisele Sulsbach: Você, Vicente... sempre incentivando as pessoas a crescerem.

Digamos que estou na fase de elaboração da massa. Daqui a pouco já poderá ir para o forno (risos)... Vamos em frente com o projeto.

Vicente Paulo: Muito obrigado por toda a atenção e desprendimento. Muito sucesso na sua nova empreitada profissional, como Auditora-Fiscal da Receita Federal do Brasil. Encerro minhas palavras reforçando o que já lhe disse por telefone, e também escrevi anteriormente: para mim, é motivo de

muito orgulho saber que eu e os professores do Ponto tivemos alguma participação – ainda que tímida, já que o mérito é todo seu - nessa sua conquista, bonita de se ver.

Gisele Sulsbach: Eu que agradeço a todos os professores do Ponto que dividiram seu conhecimento com os alunos e a você pela oportunidade que me deu de compartilhar com outros concurseiros esta conquista. Espero que ela sirva de exemplo e motivação para muitas pessoas.

Para finalizar, deixo meu email aos que quiserem entrar em contato:
giseledoponto@gmail.com